



RELAÇÃO FALA E ESCRITA: UMA ANÁLISE DOS REGISTROS ORTOGRÁFICOS EM PRODUÇÕES ESCRITAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Stefani Alves do Carmo – stefanialves1007@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-6664-1455>

Sanimar Busse – sani_mar@yahoo.com.br

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, Paraná, Brasil; <http://orcid.org/0000-0003-3818-6579>

RESUMO: Este artigo trata da relação entre a fala e a escrita em produções escritas de estudantes do Ensino Fundamental. A atividade escrita pode levar a inseguranças devido à complexa relação entre a fala e a representação gráfica de algumas palavras. Este estudo tem o objetivo de apresentar uma análise dos registros gráficos em produções escritas de alunos do Ensino Fundamental, a partir da descrição da natureza das ocorrências de escrita que infringem as regras ortográficas. Esta pesquisa insere-se na Sociolinguística Educacional, em que as reflexões partem dos estudos sobre variação linguística, escrita e ortografia realizados por Faraco (1994), Leal e Roazzi (2007), Morais (2007) (2009), Costa (2016), entre outros autores. Os dados analisados foram coletados em produções escritas desenvolvidas por alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, visto que é nesse período que os estudantes têm os primeiros contatos com a ortografia da Língua Portuguesa. Observamos que os estudantes possuem dificuldades nas formas heterogêneas da língua, ou seja, no princípio de arbitrariedade que compõe a ortografia. Dessa forma, os dados reiteram que os índices de maior representatividade de desvios ortográficos são originários da influência da fala dos estudantes sobre a modalidade escrita, portanto, gerados devido à natureza fonético-fonológica.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino, Escrita, Ortografia.

1 INTRODUÇÃO

A produção escrita apresenta-se nas aulas de Língua Portuguesa de forma muitas vezes complexa, pois mobiliza um conjunto de conhecimentos que vão do domínio das formas gráficas aos elementos coesivos, até o desenvolvimento dos aspectos discursivos-argumentativos.

O estudante, nos primeiros contatos com a escrita, traz consigo sua bagagem linguística constituída a partir dos usos que faz da língua na modalidade oral. Dessa forma, durante o processo de aquisição da escrita, a criança deve ser levada a desenvolver a consciência metalinguística e refletir conscientemente sobre a própria linguagem, ou seja, acerca da estrutura da língua e dos princípios que regem seu uso (LEAL; ROAZZI, 2007).

No que se refere à ortografia, podemos reconhecer entre os seus objetivos a unificação da língua em toda a extensão do território de um país ou do conjunto de países que partilham o mesmo idioma como oficial, para que se torne mais fácil e clara a comunicação entre os falantes da língua. Contudo, as normas ortográficas se tornam um obstáculo a ser superado durante o período de escolarização, o qual

pode acompanhar o usuário da língua por toda a vida, devido às dimensões que formam a ortografia da língua, no nível da representação fonético-fonológica e na constituição histórica e arbitrária da grafia.

Embora haja uma visão distorcida sobre o trabalho com a ortografia, pautada, principalmente, numa relação direta entre leitura e construção do conhecimento ortográfico, na memorização e na repetição, os textos dos estudantes refletem percursos conflituosos na construção do conhecimento gráfico/ortográfico da escrita, que tem como ponto de partida a transcrição da fala.

Conforme destaca Busse (2015), ao escrever, por não perceber e conhecer as arbitrariedades nas convenções da escrita, o aluno não consegue se desvencilhar das hipóteses que se originam na fala e acaba incorporando conclusões equivocadas sobre a relação fonema/grafema. Tal fato decorre devido ao grau de transparência da ortografia em línguas de escrita alfabética (POLLO, 2021), ou seja, quanto maior o grau de correspondência entre fonemas e grafemas que o sistema ortográfico de determinada língua representa, maior será seu nível de transparência. Desse modo, se o grafema possui o seu correspondente fonológico de forma biunívoca, como no caso do fonema [p] para o grafema *p*, o sistema ortográfico trata-se de um tipo transparente ou regular. Contudo, se houver a possibilidade de um fonema ser registrado por mais de um grafema, como no caso do fonema [s], que pode ser representado pelos grafemas *s*, *ss*, *ç*, *sc*, *ç*, *çç*, *x*, *xc*, a ortografia é tida como opaca ou irregular, pois a relação entre os fonemas e grafemas constitui-se de forma complexa.

Ao consideramos a ortografia da língua portuguesa e o grau de transparência abordado por Pollo (2021), podemos concluir que o sistema ortográfico do português é um sistema híbrido, pois apresenta formas regulares e irregulares. Assim, a escrita, em determinados momentos, se apresenta de forma transparente e, em outros, de forma opaca, sendo esses momentos de opacidade responsáveis pelos casos de dúvidas, desvios e erros ortográficos durante a realização da escrita.

Nos primeiros anos de escolarização, os desvios ortográficos apresentados pelos estudantes são admissíveis se comparados a outras fases do processo de escolarização, pois ao entrar no contexto escolar o estudante passa a ter a necessidade de conciliar a

[...] experiência referencial de uso da língua, baseada na oralidade, que se manifesta por meio da fala, na modalidade informal e espontânea, com as manifestações linguísticas mais monitoradas, em que prevalecem regras baseadas em abstrações, e na lógica da interação imediata. (BUSSE, 2015, p. 26)

Desse modo, o estudante, normalmente, relaciona a sua fala à escrita e assim, principalmente nos textos espontâneos, registra as palavras da forma que fala, devido à possibilidade de um som ser grafado por mais de uma letra, como é o caso de “seguro” e “cimento”. Já nos anos finais, o desvio ortográfico

passa a ser dito como erro, pois o estudante já passou pelo processo de reconhecimento ortográfico, entretanto, continua a apresentar dificuldade no momento de escrita.

Ao analisarmos as produções textuais de fábulas realizadas por estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental, surgiram alguns questionamentos que norteiam o presente estudo¹: Quais desvios ortográficos são mais recorrentes nas produções textuais dos estudantes? E qual a natureza dos desvios?

Os resultados e reflexões apresentados no presente estudo são resultantes de uma pesquisa inscrita na Linguística Aplicada, sob o paradigma qualitativo e de cunho interpretativista, uma vez que buscamos a compressão dos eventos a partir “dos processos sociais de produção desses eventos a partir de uma perspectiva interna ao processo, por meio da participação durante seu desenvolvimento” (FLICK, 2009, p. 31).

Com o intuito de apresentar tais discussões e reflexões, organizamos este estudo em cinco seções: na primeira, apresentaremos as reflexões teóricas que subsidiam a análise dos desvios ortográficos presentes nas produções textuais dos estudantes; em seguida, abordaremos a organização e o caminho metodológico desenvolvido na presente pesquisa; logo, destacaremos os parâmetros de análise que nortearam o estudo; posteriormente, refletiremos sobre os desvios ortográficos presentes nas produções textuais dos estudantes; e, por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

2 CARACTERÍSTICAS E DESAFIOS DA ORTOGRAFIA

Todos os elementos que compõem a ortografia de uma língua são decorrentes de um acordo social, “uma convenção, [uma] negociação social e que assume um caráter normatizador, prescritivo” (MORAIS, 2007, p. 8), definindo, em determinados casos, a utilização de uma letra e não de outra, principalmente em casos em que o mesmo som pode ser grafado por mais de uma representação, ou seja, por mais de uma letra. Estabelecendo, assim, um sistema complexo, pois como aborda Morais,

De um lado, sua inevitável natureza arbitrária: a norma ortográfica é algo que, em princípio, se estabelece, a partir de opção contingente entre distintas alternativas, sem nenhuma razão de obrigatoriedade. De outro, sua necessidade: a ortografia reflete uma tentativa de unificarmos a forma como escrevemos, os milhões de habitantes deste planeta que sabem determinada língua, a fim de nos comunicarmos mais facilmente. (MORAIS, 2007, p. 8)

¹ Esta pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, *campus* de Cascavel, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética - CAAE de nº 15674819.6.0000.0107 e parecer 3.426.489, é resultado parcial do Projeto de Pesquisa “Estudo dos desvios de grafia em produções escritas de alunos do Ensino Fundamental”, autorizado pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) por meio do ofício nº 1119/2019, vinculado ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, *campus* Cascavel –PR.

Dessa forma, a ortografia não cumpre apenas a função de padronizar a forma escrita de uma língua, mas também a de homogeneizar, unificar e facilitar a comunicação entre os usuários da língua, além de proporcionar a liberdade de pronúncia, uma vez que, devido à extensão territorial do Brasil, encontramos as diferenças de pronúncia pelas distinções socioculturais, regionais e etárias (COSTA, 2016).

Ferreira e Busse enfatizam que

A compreensão do processo de aquisição da escrita, a inserção e a articulação de um trabalho sistematizado da escrita, que considera a variação linguística em sala de aula, no ensino de língua portuguesa, têm sido tema de pesquisas que buscam além do entendimento das etapas constituintes desse aprendizado, propor possíveis intervenções que poderão ser realizadas pelo professor a fim de auxiliar o aluno na consolidação do conhecimento da língua escrita. Nessa perspectiva, o aprendizado não se limita apenas ao entendimento e ao uso das regras propostas pelas convenções ortográficas, mas promove a reflexão sobre o funcionamento da língua. (FERREIRA; BUSSE, 2019, p. 234-235)

A ortografia pode ser tomada como uma imposição inútil, pois muitos falantes consideram que tudo se tornaria mais fácil se fosse possível “registrar as palavras igualmente como são faladas”. Contudo, como já é de nosso conhecimento, uma língua compreende um conjunto de variantes, como, por exemplo, a variante regional e a variante estilística. Tomemos o exemplo apresentado por Morais,

[...] se um carioca e um pernambucano pronunciam de modo diferente a palavra “tio” – o primeiro poderia dizer algo como “tchiô” e o segundo falaria “tiú” –, na hora de escrever, se não houvesse uma ortografia, cada um registraria o seu modo de falar. E os leitores de suas mensagens sofreriam muito, tendo que “decifrar” a intenção dos dois autores. (MORAIS, 2009, p. 27)

Desse modo, a ortografia acaba funcionando como um “filtro”, capaz de solidificar e unificar na escrita as diversas maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua, “permitindo uma base segura de comunicação entre falantes de variedades diferentes” (FARACO, 1994, p. 11).

Morais (2009) divide os eventos ortográficos em dois grupos: as ocorrências regulares e as irregulares. Os casos de regularidades são aqueles em que as palavras têm um aspecto regular quanto a sua escrita ortográfica, sendo divididos em três grupos: as regulares diretas, as contextuais e as morfológico-gramaticais.

O autor classifica como regulares diretas as ocorrências ortográficas em que as palavras apresentam letras cuja relação com o som ocorre de forma completa, ou seja, cada letra tem um único representante sonoro, ainda que ocupe posições distintas nas palavras. Se enquadraram nesse grupo as

letras que têm correspondência sonora: B, D, P, T, F e V: são exemplos: *bola/ cabide/ cabo/ brasa/ blusa/ sob e, pato/ capote/ mapa/ prata/ pluma/ apto.*

Já as regulares contextuais são aquelas que o contexto definirá qual letra será utilizada, são classificadas nesse grupo o uso de R ou RR em palavras como *rato e carro*; o uso de G ou GU em palavras como *garoto e guerra*; o uso de O ou U no final de palavras que terminam “com o som de U”, como *bambo e bambu*, entre outros casos. Por fim, o denominado grupo das regulares morfológico-gramaticais apresenta as palavras em que as letras serão escritas de acordo com a categoria gramatical. Para isso, é necessária a compreensão dos elementos que constituem as palavras, como prefixos, sufixos e desinências; citamos como exemplo a opção pelo uso do “s” (com som de z) ou “z” diante do sufixo -*inbo*, em que a regra prevê o uso de “s” se a palavra de origem já contém “s” no fim do seu radical (*mesinba/ casinba/ vasinbo*), e “z” nos demais casos (*anelzinbo/ pazinba*), como também o uso do sufixo -*esa* nos adjetivos de nacionalidade, como *francesa e portuguesa*.

Além dos casos de regularidades, também encontramos na língua portuguesa as ocorrências irregulares. Nesse grupo, encontramos as palavras em que a eleição de uma letra e não de outra não segue nenhuma regra, e a realização correta durante o momento de escrita se dá devido à memorização das normas ortográficas. Os exemplos mais corriqueiros são os vários usos dos sons do fonema [s] dados por “s” (*seguro*), “c” (*cidade*), “x” (*auxílio*), “ss” (*clássico*), “sc” (*piscina*), “sç” (*desça*), “z” (*paç*) e “xc” (*exceto*), e a opção entre “x” e “ch” (*xale/ chave/ xícara/ chave/ xerife/ chefe/ chuva*) (COSTA, 2016).

Durante a realização da escrita, o estudante entra em contato com diferentes questões, como a distinção entre os gêneros textuais, a autonomia do texto escrito, sua constituição social e dialetal, além da sua experiência com a linguagem.

3 GERAÇÃO DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos o caminho metodológico desenvolvido na presente pesquisa, desse modo, abordaremos a perspectiva teórica, o tipo de pesquisa e o contexto da pesquisa, visando contextualizar o processo desenvolvido para a coleta de dados.

As pesquisas demonstram um expressivo número de diversidades linguísticas, em que condicionamentos sócio-histórico-culturais e físico-geográficos favoreceram o surgimento de formas cambiantes na língua. Dessa maneira, durante o processo de ensino-aprendizagem, busca-se a formação cidadã do sujeito que, por meio do capital linguístico e do capital cultural, possa utilizar a linguagem como forma de atuação crítica no mundo.

De acordo com Busse,

[...] a escola pública atende a toda uma comunidade de falantes do português que vive, no dia a dia, as riquezas do contato entre línguas e dialetos, distante, contudo, das experiências letradas necessárias para o trabalho que se realiza em sala de aula. É, portanto, na escola que os alunos terão, muitas vezes, as primeiras experiências com o mundo letrado. (BUSSE, 2015, p. 31)

Considerando a diversidade linguística presente na rede pública de ensino, delimitamos o nosso *corpus* a partir da seleção de produções escritas, sendo atividades de compreensão textual e produções de reescrita do gênero *fábula*, realizadas por dois grupos de estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal da rede pública do Município de Cascavel/PR.

Propusemos aos alunos a produção de uma nova versão da fábula “A reunião geral dos ratos”, de Esopo.

Quadro 1 – Fábula “A reunião geral dos ratos”, segundo Esopo

<p style="text-align: center;">A reunião geral dos ratos Esopo</p> <p>Uma vez os ratos, que viviam com medo de um gato, resolveram fazer uma reunião para encontrar um jeito de acabar com aquele eterno transtorno. Muitos planos foram discutidos e abandonados.</p> <p>No fim um rato jovem levantou-se e deu a ideia de pendurar uma sineta no pescoço do gato; assim, sempre que o gato chegasse perto eles ouviriam a sineta e poderiam fugir correndo. Todo mundo bateu palmas: o problema estava resolvido. Vendo aquilo, um Rato velho que tinha ficado o tempo todo calado levantou-se de seu canto.</p> <p>O rato falou que o plano era muito inteligente, que com toda certeza as preocupações deles tinham chegado ao fim. Só faltava uma coisa: quem ia pendurar a sineta no pescoço do gato?</p> <p>Moral: Inventar é uma coisa, fazer é outra.</p>

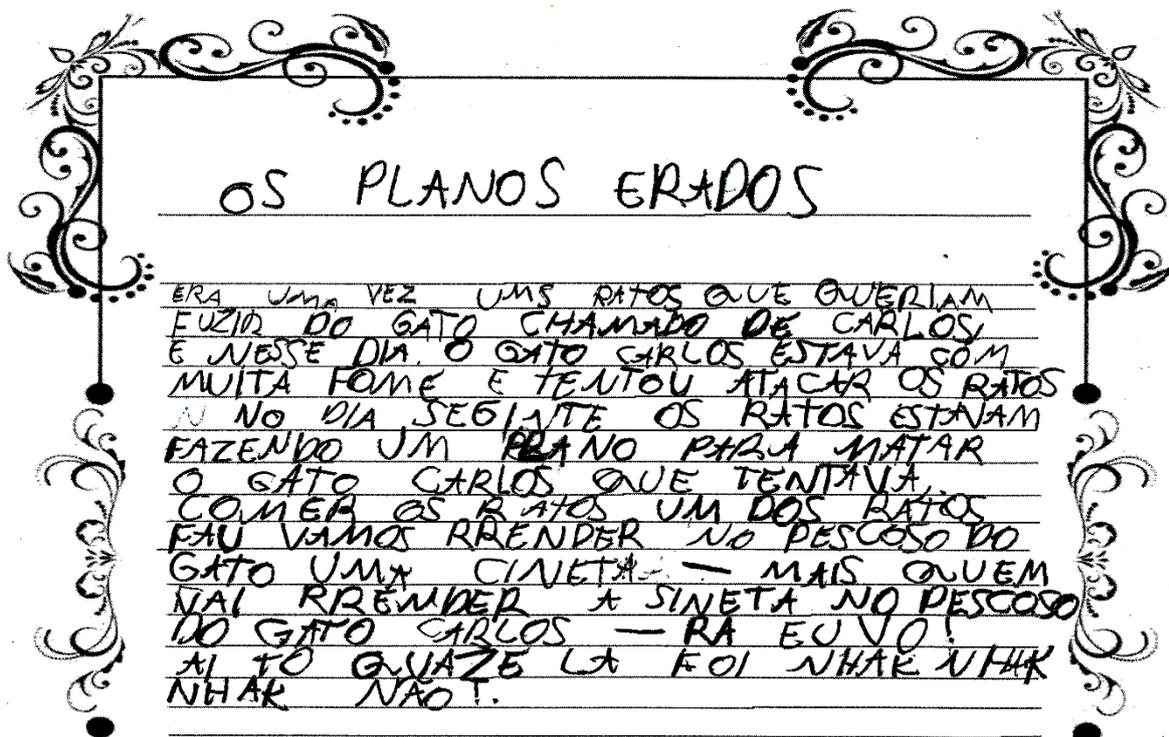
Fonte: Ash e Higton (1994)

Os alunos foram previamente apresentados a diversas releituras da fábula, sendo: ilustrações; traduções; a “Assembleia dos ratos”, de Monteiro Lobato e; versão animada. Além disso, os estudantes realizaram atividades de interpretação e compreensão – oral e escrita –, relacionadas ao gênero e a temática abordada.

Ao término da exposição das releituras, foi proposto aos estudantes a produção textual individual de uma interpretação da fábula “A reunião geral dos ratos”, na qual poderiam modificar os personagens, o motivo da reunião, o desfecho da narrativa e a moral da história. Para o presente estudo, destacaremos os desvios ortográficos presentes em sete produções da fábula trabalhada.

Apresentamos, a seguir, uma das produções textuais pertencentes ao nosso *corpus*.

Figura 1 – Releitura da fábula “A reunião geral dos ratos” desenvolvida por estudante do 3º ano E.F.



Fonte: Produção textual - fábula (2019)

Observamos na produção textual acima que o estudante, ao assumir o papel de autor, mantém em sua escrita aspectos semelhantes da narrativa do fabulista grego, como o conflito existente entre o gato e o grupo de ratos; contudo, também apresenta novos elementos, como a atribuição do nome ao personagem felino. Observamos que esse processo ocorre, em menor ou maior escala, em todas as produções textuais que compõem o nosso *corpus*, evidenciado que os estudantes compreenderam o intuito da atividade textual proposta e reconheceram as distintas estratégias narrativas desenvolvidas nas releituras apresentadas anteriormente.

4 ESCRITA ORTOGRÁFICA: TRATAMENTO DOS REGISTROS

Durante todo o processo de escolarização, é significativo o registro de ocorrências de desvios ortográficos motivados, como já abordado anteriormente, pela escrita pautada na fala e devido às arbitrariedades presentes no sistema linguístico. De acordo com a relevância e as implicações das questões ortográficas em sala de aula, inúmeros estudiosos se voltam para a ortografia como objeto de estudo e elaboram, de acordo com o seu foco investigativo, classificações para os fenômenos ortográficos.

A descrição e análise dos dados está pautada em Oliveira (2005) e Costa (2016). Ao propor sua classificação, Oliveira (2005) deixa claro que não se trata de um modelo fixo, mas sim de um modelo

norteador, que deve auxiliar o professor em suas possíveis intervenções pedagógicas. Assim, em sua classificação, separa os desvios ortográficos, de acordo com a sua natureza, em três grandes grupos: (i) grupo que enquadra os problemas que violam a natureza de uma escrita alfabética; (ii) grupo no qual se encontram os problemas realmente importantes, ou seja, os registros ortográficos que necessitam de atenção pedagógica; e, por fim, (iii) os casos em que as questões ortográficas ultrapassam a relação entre sons e letras.

No primeiro grupo (G1), encontramos os desvios motivados pelo desconhecimento da relação fonética e gráfica, ou seja, desvios que violam a natureza da escrita alfabética. Este se subdivide em: G1A – Escrita pré-alfabética, na qual a escrita reflete o total desconhecimento do estudante da relação de fonemas e letras, pois se encontra no nível pré-alfabético como o registro de “amnaeboa” para “a minha mãe é boa” (OLIVEIRA, 2005, p. 50); G1B – Escrita alfabética com correspondência trocada por semelhança de traçado, refere-se aos casos em que ocorre o espelhamento da escrita, envolvendo ocorrências relacionadas, principalmente, ao **p** e **b**, **b** e **d**, **m** e **n**; e G1C – Escrita alfabética com correspondência pela mudança de sons, na qual se encontram os problemas de troca de fonemas surdos por sonoros.

O segundo grupo (G2) engloba os problemas motivados pelo desconhecimento dos aspectos grafo-fonêmicos da língua ou desconhecimento de formas dicionarizadas. Divide-se, primeiramente, em: G2A – Violação das relações biunívocas entre sons e grafemas, relacionada aos casos em que o aluno demonstra pouco desenvolvimento da capacidade fonológica, assim o mesmo escreve *faca* tentando representar *bola*, por exemplo. Oliveira (2005) declara que os problemas decorrentes dessa ordem são dificilmente encontrados nas produções textuais dos estudantes e que o próprio autor nunca viu registro dessa ocorrência.

Ainda relacionada ao segundo grupo, o autor apresenta as seguintes divisões: G2B – Violação das regras invariantes que controlam a representação dos sons, sendo desvios cometidos devido à mudança de letra ou de grupo de letras que, para serem grafadas, dependem da posição que ocuparam na composição da palavra, por exemplo, a omissão da vogal “u” em contexto de “gue” e “que”; G2C – Violação da relação entre os sons e os grafemas por interferência das características estruturais do dialeto, casos envolvendo os falares regionais; e G2D – Violação de regras dicionarizadas, em que o aluno demonstra desconhecimento das regras dicionarizadas adquiridas, em grande maioria pelo processo de memorização, podemos citar como exemplo a realização da fricativa alveolar surda [s] e das suas múltiplas representações, como *s, ç, ç, ç, ç, ç* - *pasa* (passa), *faso* (faço), *séu* (céu).

Por fim, no último grupo (G3), encontramos os problemas oriundos da falta de acentuação, da tentativa equivocada de hipercorreção, do esquecimento e da falta de atenção durante o momento de

escrita, como também: G3A – Problemas por violação na sequência de palavras, ou seja, hipossegmentações e hipersegmentações; e G3B – Problemas gerados por outros casos, como hipercorreções e casos acidentais.

Partindo dos apontamentos realizados por Oliveira (2005) e demais autores da área, Costa apresenta sua classificação dos erros ortográficos considerando as ocorrências registradas por seus alunos durante a realização de atividades em sala de aula. Desse modo, organiza sua análise de acordo com 15 (*quinze*) categorias que englobam erros de ordem fonético-fonológica, de pontuação, como também referente à estruturação textual.

Apresentamos, a seguir, de forma exemplificada, os critérios de classificação de erros ortográficos elaborados por Costa (2016):

Quadro 2 – Critérios de análise de erros ortográficos, segundo Costa (2016)

Item	Parâmetro de erro	Conceito	Exemplos
01	Marca oral na escrita	Erro de ortografia em que o aluno apresenta na escrita a influência da sua fala; esse tipo de erro é um dos principais problemas de escrita ortográfica	<i>controlí</i> – controle, <i>patu</i> – pato, <i>nóis</i> – nos, <i>antonte</i> – anteontem
02	Violação de regras dicionarizadas	Erro ortográfico em função das várias possibilidades de um grafema poder representar vários fonemas ou um mesmo fonema poder ser representado por grafemas diversos	[x] <i>ezame</i> (exame), en <i>chame</i> (exame), má <i>ssimo</i> (máximo); [s] poso (posso), <i>fasa</i> (faça), séu (céu)
03	Letra de contexto regular	Erro de escrita ortográfica quando o aluno escreve determinada(s) letra(s) onde deveria grafar outra(s) sem observar o contexto da letra dentro da palavra	<i>barrata</i> – barata, <i>honrra</i> – honra, <i>campu</i> – campo, <i>sanba</i> – samba
04	Terminação verbal	Erro de ortografia em que o aluno escreve de maneira incorreta a desinência dos verbos em relação à pessoa/número/tempo/modo	Eles <i>cantião</i> – cantam, Maria <i>canto</i> – cantou, eu vou <i>escreve</i> – escrever
05	Substituição envolvendo surdos e sonoros	Erro ortográfico decorrente do uso de determinada letra em detrimento de outra pelas similaridades sonoras que elas têm entre si	<i>picicleta</i> – bicicleta, <i>fava</i> – vaca
06	Juntura intervocabular e segmentação	Erro de ortografia quando o aluno grafa um vocábulo desobedecendo a sua estrutura convencional, ou seja, segmenta ou junta erroneamente a palavra	com <i>migo</i> – comigo <i>derrepente</i> – de repente
07	Acentuação gráfica	Erro de ortografia cometido por causa do uso incorreto dos acentos gráficos nas palavras	<i>cajú</i> – caju, <i>enfase</i> – ênfase

08	Letras maiúsculas e minúsculas	Erro de ortografia pelo uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas	<i>mário</i> – Mário; <i>paraíba</i> – Paraíba; ele <i>Fez</i> isso – fez
09	Acréscimo de letras	Erro de ortografia decorrente do acréscimo de alguma(s) letra(s) que não faz(em) parte da escrita convencional da palavra	<i>esqueiceu</i> – esqueceu, <i>paparecia</i> – aparecia
10	Ausência de letras	Erro de ortografia em virtude da ausência de alguma letra da palavra	<i>compou</i> – comprou. <i>sagne</i> – sangue
11	Hipercorreção	Erro de ortografia pelo uso de determinada letra no lugar de outra em razão de um procedimento de generalização inoportuno	<i>emento</i> - cimento; <i>tesolra</i> – tesoura
12	Homônimas e Parônimas	Erro decorrente do mau emprego das palavras homônimas e parônimas dentro do texto	fábrica – substantivo e fábrika – de fabricar; descrição – descrever e discrição – de discreto
13	Erros de pontuação	Erro decorrente do mau uso dos sinais de pontuação	Uso da vírgula, ponto final, travessão etc.
14	Aspectos estruturais e visuais do texto	Problemas com aspectos externos ao texto	Caligrafia, paragrafação, margem etc.
15	Outros casos	Qualquer outro caso não visto nos itens anteriores	nando – mando

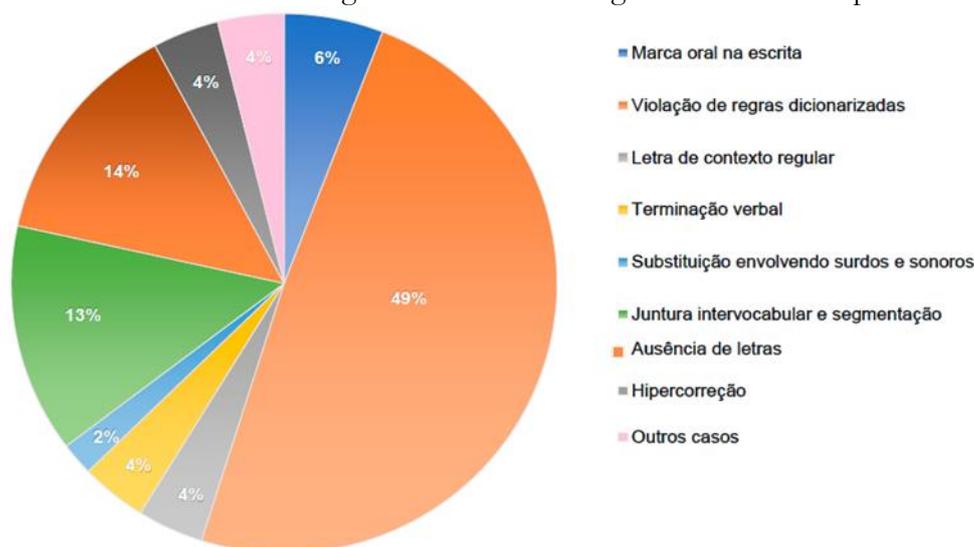
Fonte: Costa (2016, p. 50-51)

Considerando nosso objetivo de analisar os fenômenos de origem fonético-fonológica que levam aos desvios de ortografia, não consideramos os parâmetros *Homônimas e Parônimas*, *Erros de pontuação* e *Aspectos estruturais e visuais do texto* em nosso processo de análise dos dados.

5 PANORAMA DOS CONHECIMENTOS ORTOGRÁFICOS: OLHANDO PARA OS DADOS

Os dados apresentados por meio de gráfico corresponderam à expectativa em relação à quantidade significativa de desvios ortográficos identificados dentre os parâmetros delimitados para a coleta de análise.

Figura 2 – Gráfico com os resultados gerais de desvios ortográficos cometidos pelos estudantes



Fonte: Organizado pelas autoras

Foram identificados ao todo 51 desvios ortográficos ao longo de sete produções textuais analisadas.

Obtivemos, nas primeiras colocações de nossa classificação, 24 ocorrências referentes à *violação de regras dicionarizadas*, correspondendo a 49% do *corpus*; 7 ocorrências relacionadas aos problemas de *ausência de letras*, representando 14% do total geral de dados computados; e, em 7 execuções (13%), detectamos as ocorrências enquadradas no parâmetro *juntura intervocabular e segmentação*.

Além disso, verificamos 3 ocorrências envolvendo *marcas de oralidade*, tratando-se percentualmente de 6% dos dados coletados; 2 ocorrências referentes aos parâmetros *letra de contexto regular*, *terminação verbal*, *hipercorreção* e *outros casos*; e apenas 1 ocorrência foi registrada no parâmetro *substituição envolvendo surdos*.

Nesse estudo, destacaremos os parâmetros que apresentaram maior quantidade de incidências, sendo eles: *violação das regras dicionarizadas*, *ausência de letras* e, por fim, *juntura intervocabular e segmentação*.

Em nossa coleta, o parâmetro de maior incidência corresponde à *violação das regras dicionarizadas*. O critério compreende, principalmente, as irregularidades da ortografia, ou seja, ao registro que não se orienta por uma regra e que a norma só se torna conhecida por meio da consulta a manuais que orientam o autor a usar a grafia correta.

Dessa forma, identificamos nas produções desvios ortográficos correspondentes à dificuldade do uso dos grafemas relacionados ao som da fricativa alveolar [s] e de sua múltipla representação gráfica, como *s*, *c*, *ç*, *ç*, *x*, *ch*. Assim, casos como: *ves* – *vez*; *cineta* – *sineta*; *pescoso* – *pescoço*; *quazze* – *quase*; *cesamava* – *se chamava*; *caichas* – *caixas* e *troçe* – *trouxe*, entre outras ocorrências, foram identificados nas produções textuais pertencentes ao nosso *corpus*.

É visível que os desvios relacionados a essa ordem retratam as inúmeras hipóteses que os estudantes realizam no momento de compreensão do sistema ortográfico, que ora é regido pelo princípio gerativo, ora não, como apresenta Leal e Roazzi

[...] a criança, ao escrever, está atenta a muitos aspectos de nosso sistema linguístico. No entanto, faltam algumas informações que só gradualmente será capaz de incorporar. [...] as aquisições e hipóteses são aplicadas a muitas palavras que têm características similares, o que indica o caráter gerativo dessas aprendizagens. (LEAL; ROAZZI, 2007, p. 103)

Os dados seguem uma frequência nas produções e estão presentes em seis das sete produções analisadas, não caracterizando, dessa forma, aleatoriedade e/ou falta de atenção dos estudantes.

Relacionado, principalmente, aos processos de aférese e síncope, ou seja, de supressão de um ou mais fonemas no início e/ou final das palavras, o critério *ausência de letras* se caracteriza pela ausência de alguma ou algumas letras na grafia dos termos.

Identificamos sete ocorrências referentes a esse parâmetro, sendo elas: *fau* – falou; *seginte* – seguinte; *ora* – hora; *loblema* – problema; *tos* – todos; *ningem* – ninguém e, *más* – mais.

Contrapondo o parâmetro anterior, esse critério possui ocorrências oriundas da falta de proficiência quanto à escrita ortográfica, justificada pelo recente início do processo de escolarização dos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental; contudo, em maior ocorrência, os desvios dessa ordem são resultantes da desatenção dos estudantes no momento da escrita.

O fenômeno da segmentação não convencional apresenta-se como um desafio para os estudantes, primeiramente, pela relação com a cadeia da fala, e, posteriormente, pela falta de domínio dos conhecimentos das classes de palavras, principalmente dos clíticos.

Em nosso *corpus*, encontramos a violação na sequência da escrita de palavras de duas formas: primeiramente, duas ocorrências de hiposegmentação, ou seja, escrevem-se as palavras sem respeitar os espaços entre os termos, sendo eles: *oque* – o que e *sechamava* – se chamava; e quatro ocorrências de hipersegmentação, na qual se aplica o espaçamento entre as palavras de forma inadequada, sendo elas: *então* – então; *sees con dia* – se escondia; *colo car* – colocar e, *de rrotal* – derrotar.

Os desvios ortográficos presentes nesse parâmetro são resultantes do contingente sonoro, uma vez que esses casos acontecem porque os estudantes apoiam sua escrita na oralidade e, como na fala não há separação, isolada, de palavras, mas sim blocos com tempo variado devido à entonação, algumas vezes, durante o processo de escrita, essa noção de junção ou de segmentação indevida pode se fazer presente nas produções textuais de nossos estudantes.

É notável que os três parâmetros abordados nesse estudo possuem como fio condutor a relação de arbitrariedade existente entre a fala e a escrita, pois os casos apresentados retratam a não distinção do padrão acústico-articulatório do padrão visual ou ortográfico pelos estudantes, ou seja, da organização existente na fala e das características próprias da escrita.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ocorrências ortográficas oriundas, principalmente, da heterogenidade da fala, se não forem identificadas e abordadas de maneira sistemática ao longo do Ensino Fundamental e Médio, podem se tornar dúvidas e erros recorrentes nas produções textuais. Desse modo, observamos que é necessária uma abordagem contínua da ortografia durante todo o período escolar e que o professor deve buscar desenvolver metodologias que trabalhem e avaliem o funcionamento da língua em sua modalidade oral e escrita, pois, ao conhecer os moldes situacionais da língua, o estudante poderá desenvolver conhecimentos sistemáticos sobre a constituição da escrita ortográfica.

Os desvios cometidos, são originários da influência da fala dos estudantes sobre a modalidade escrita, ou seja, ocorrências geradas devido à natureza fonético-fonológica. Desse modo, ao observamos as ocorrências referentes ao critério *violação das regras dicionarizadas*, é possível observar que os estudantes compreendem o princípio fônico do fonema [s], contudo, ainda não dominam por completo a regra ortográfica em relação ao registro gráfico das múltiplas representações do som da fricativa alveolar surda. Por sua vez, os desvios relacionados aos outros dois parâmetros demonstram o claro apoio dos estudantes na oralidade durante o processo de escrita, visto que as ocorrências referentes a *ausência de letras e juntura intervocabular e segmentação* são processos comuns durante as situações de oralidade.

Diante dos casos de desvios ortográficos analisados, podemos concluir que as hipóteses realizadas pelos estudantes demonstram a busca de uma regularidade no sistema de escrita, ou seja, por meio do processo de tentativa e erro, cada estudante, individualmente, vai compreendendo a utilização das regras ortográficas a partir da contradição de suas hipóteses com os dados da realidade ortográfica, sendo ela previsível ou contextual.

Desse modo, cabe ao professor identificar os desvios para definir as atividades mais adequadas, sendo viável por meio da observação da experiência prévia do estudante com a linguagem e das dificuldades que ele apresenta em relação ao léxico e a estrutura da língua. Assim, a escola deve atuar como uma ponte entre o aluno e a norma padrão da língua, tornando o estudante capaz de identificar o aspecto sonoro da fala, como também identificar e distinguir as relações biunívocas e as relações arbitrárias que compõem o sistema de escrita da Língua Portuguesa.

7 REFERÊNCIAS

- ASH, Russell.; HIGTON, Bernard. (compilação). *Fábulas de Esopo*. Tradução: Heloisa Jahn. São Paulo: Cia das Letrinhas, 1994.
- BUSSE, Sanimar. Variação linguística e ensino: os desafios do ensino em Língua Portuguesa. *In: COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (org.). Práticas sociais da linguagem: reflexões sobre oralidade, leitura e escrita no ensino*. Campinas: Mercado das Letras, 2015.
- COSTA, Antônio Joel da Silva. *Escrita ortográfica: proposta de intervenção para o ensino fundamental II*. 2016. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Currais Novos.
- FARACO, Carlos Alberto. *Escrita e alfabetização*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- FERREIRA, Adriana Alexandra; BUSSE, Sanimar. Processos fonológicos e escrita ortográfica em produções textuais do ensino fundamental. *Domínios de Linguagem*, v. 13, p. 234-256, 2019.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LEAL, Telma Ferraz; ROAZZI, Antonio. A criança pensa... e aprende ortografia. *In: MORAIS, Arthur Gomes de (org.). O aprendizado da ortografia*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MORAIS, Arthur Gomes de. Ortografia: este peculiar objeto de conhecimento. *In: MORAIS, Arthur Gomes de. (org.). O aprendizado da ortografia*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MORAIS, Arthur Gomes de. *Ortografia: ensinar e aprender*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita: caderno do formador*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.
- POLLO, Tatiana. Conhecimento da Língua: Fonologia e Ortografia do Português do Brasil. *In: ALÇADA, I. et al. Alfabetização Baseada na Ciência: Manual do Curso ABC*. Brasília: Ministério da Educação (MEC); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), 2021.

Title

Relationship between speaking and writing: an analysis of the graphic records in written production of elementary education.

Abstract

This article deals with the relationship between speech and writing in written productions of Elementary Education's students. The written activity may cause some insecurities due to the complex relationship between speech and some words' graphic representation. This research aims to provide an analysis of the graphic record in written productions of elementary education's students, based on the description of the nature of writing occurrences that violate the orthography. This research is inserted in the Educational Sociolinguistic, in which the reflections begin from the studies about linguistic variety, writing and orthography performed by Faraco (1994), Leal and Roazzi (2007), Morais (2007) (2009), Costa (2016), among other authors. The data analyzed in this article was collected in written productions performed by third grade Elementary School students, since it is in this period that students have their first contact with the Portuguese orthography. We observed that the students have difficulties with the heterogenic forms of language, in other words, with the principle of arbitrariness that composes the orthography. Therefore, data reiterate that the more representative rates of orthographic deviations come from the influence of the student's speech over writing, thus, generated due to the phonetic-phonologic nature.

Keywords

Education; Writing; Orthography.

Recebido em: 25/05/2021.

Aceito em: 27/09/2021.